

Ame.

Um dia, o Ponto Frio sugeriu — ainda era novembro — que as pessoas amassem.

E as pessoas amaram e se presentearam, porque presentear é a maneira mais clara de falar de amor.

Agora, desejamos que esse amor dure para sempre.

E agradecemos ao público por ter respondido com sua confiança e seu apoio à nossa mensagem de amor. Ao mesmo tempo, agradecemos a todos os que ajudaram a tornar realidade esse amor.

Ao Governo, por ter enfrentado com serenidade os problemas conjunturais de um ano difícil, encarando com otimismo o futuro e confiando na evolução positiva da economia e no rápido desenvolvimento de todas as potencialidades do País.

Aos nossos 2.600 funcionários que, através de uma rede de 35 lojas inteiramente abertas ao público, souberam organizar com admirável eficiência todas as etapas do atendimento ao cliente.

Aos fornecedores, que nos permitiram oferecer a tempo os melhores produtos — o que por sua vez permitiu a tanta gente falar de amor na hora desejada.

À SGB, nossa agência de propaganda, por ter sabido interpretar tão bem nosso conceito de amor.

Ao Zózimo, ao Ziraldo e à turma do Pasquim (Henfil, Jaguar, Redi, Ivan Lessa), pela colaboração espontânea e bem humorada que também contribuiu para transformar nossa mensagem em um dos acontecimentos do ano na área de comunicação.

A todos os que, de alguma forma, estiveram envolvidos na divulgação desta mensagem.

Por tudo isso, milhares de pessoas tiveram mais ampla liberdade de escolha, crédito e entrega imediatos.

Graças a esse trabalho, a esse público amigo, e por ser o número um em vantagens, o Ponto Frio é hoje uma das maiores empresas de varejo do País.

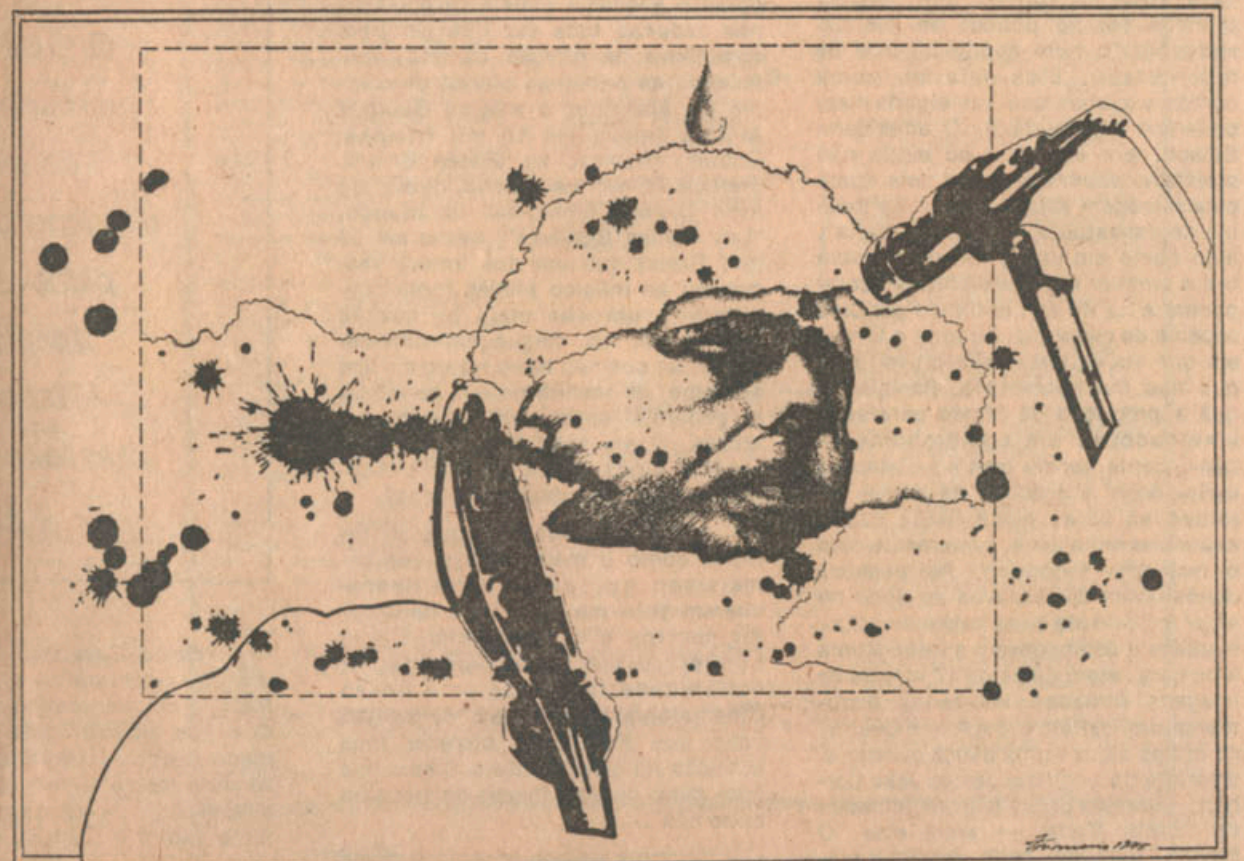
O Bonzão agradece.

Num boteco, perto de um teatro, um rapaz de pele queimada pelo sol falou de sua última peça, lembrou seus começos e anunciou alguns planos

Na página 9, uma resenha do livro publicado pela Civilização Brasileira, com a peça "Gota d'água"

Chico Buarque e a "Gota d'água"

FLAVIO MARINHO



Agora me sinto finalmente um autor de teatro

“Os ventiladores deste Teatro fazem mais barulho do que vento”, dizia-me, entre outras coisas, Paulo Pontes, minutos antes de Chico Buarque pintar — tranqüilo e queimado de praia. O barulho dos ventiladores acabou criando o problema de onde fazer a entrevista com Chico sobre a sua *Gota d'água* — que estréia oficialmente nesta segunda-feira, no Teatro Teresa Raquel. Mas, em dois tempos, o escritor, compositor, intérprete e dramaturgo resolveu o problema num curioso *back-room* de um boteco próximo. Lugar que, uma hora mais tarde, seria tomado por patrulheiros em comemoração de alguma coisa.

Mas, enquanto ainda reinava ali o sossego, Chico deitou sua fala — curta e certeira — neste minibir de características tão populares como o espetáculo em cartaz do Teresão: o Jesus Cristo de braços abertos, diabinhos e velas acesas num canto, além de uma parafernália de tintas fosforescentes nas paredes — a saleta tão cheia de “clima brasileiro” acabou servindo de moldura perfeita para uma conversa sobre um espetáculo que tem muito de Brasil — embora o texto se inspire na secular tragédia grega de Eurípedes, *Medéia*. A primeira pergunta teria que ser, forçosamente: *O que ficou da "Medéia" de Eurípedes na "Gota d'água" de Chico Buarque e Paulo Pontes?*

— A estrutura dramática ficou, o esqueleto do texto ficou. Inclusive é uma facilidade pra gente, porque ele é dramaticamente perfeito, sem erros. Quando a gente tinha alguma dúvida, era só dizer: “Vamos consultar o velho Eurípedes.” É claro que em cima disso a gente jogou mil coisas, mas a linha mestra de Eurípedes foi conservada.

Segundo Paulo Pontes, o trabalho a dois foi tranqüilo. Qual é a sua versão da história?

— E, realmente, foi muito tranqüilo, inclusive porque a existência da *Medéia* de Eurípedes ajudou muito. Porque, em alguns dias de reunião, a gente praticamente traçou a linha da peça, recheando o Eurípedes com os novos elementos brasileiros. A partir daí, passamos a trabalhar separados. Quer dizer, quando começo, meio e fim ficaram bem delineados, Paulo Pontes passou a escrever e ia me mandando os textos. Eu reescrevia, colocando em versos, acrescentava uma coisa ou outra. Mais tarde, já em função do espetáculo, houve um último trabalho que foi de enxugar o texto — que ficou um pouco longo. Só por isso. Inclusive no livro, a peça tá na íntegra.

— Em “Gota d'água”, o morro encontra sua voz musical?

— Bom, não existe na peça, morro — propriamente dito. A ação é centralizada num conjunto ha-

bitacional — desses construídos de dez anos pra cá — mas não é, exatamente, uma favela. Fala-se, é verdade, vagamente, na existência de uma escola de samba, mas qualquer lugar pode ter sua escola de samba — até o *shopping center* da Siqueira Campos. E toda a parte musical não se identifica com o popularmente chamado sambão carioca de morro. Há canções, isso sim, que estão dentro da estrutura dramática da peça, mas fora de uma visão realista de morro, de cultura urbana. Ou seja, numa linha realista, há músicas que a Joana — personagem central — não cantaria nunca. Quer dizer, na parte musical, *Gota d'água* extrapola um pouco para a fantasia. Assim como em certas partes, em certos trechos, a própria linguagem da peça.

Embora o povo brasileiro seja, tradicionalmente, classificado de musical, a maioria das tentativas no gênero tem fracassado entre nós. Você atribui isto a algum fator específico?

— Realmente não sei. Há esta preocupação, esta quase-angústia de todo mundo querer fazer o musical brasileiro que ainda não se realizou. E nem é essa a intenção da *Gota d'água*, que nem era pra ser um musical quando a gente começou a escrever. Teria, apenas, uma música, que seria a música-tema da peça, porque o Jasão — personagem central — é um compositor. Mas aos poucos a gente acabou musicando a peça, colocando músicas aqui e ali. A *Gota d'água* seria mais um espetáculo com música do que propriamente um musical. Mas por que ainda não se fez o musical brasileiro, eu realmente não sei dizer.

Você acha que o fato de Bibi Ferreira e Oswaldo Loureiro já terem participado de versões de musicais americanos pode, de alguma forma, auxiliar num espetáculo com música essencialmente brasileira?

— Bom, a música dentro da *Gota d'água* não chega a ser tão importante assim. Mas é claro que ter uma atriz como Bibi Ferreira, que, como eu estou tendo oportunidade de assistir nos ensaios, sabe cantar, está sendo útil. Já Oswaldo Loureiro, eu não sabia que cantava — não tinha música na peça pra ele, inclusive —, a gente fez o Loureiro cantar pra melhor aproveitá-lo. Mas, mesmo assim, *Gota d'água* é mais um espetáculo musicado do que um musical.

Você é considerado um homem da palavra, segundo definição corrente. Em “Fazenda Modelo” houve a opção por uma gigantesca metáfora. Que linguagem você emprega em “Gota d'água”?

— A linguagem é muito direta, fugindo ao “modelo” da *Fazenda* por completo. Não vejo nenhuma

metáfora gigantesca em *Gota d'água*. É claro que você pode sempre transportar os problemas de um conjunto habitacional para os de um país inteiro. Agora, a linguagem de tudo isso é sempre colocada de forma muito direta, como eu acho que deve ser uma linguagem de teatro, quando se quer usar a palavra em teatro pra expressar qualquer coisa — já que você também pode exprimir muitas coisas apenas em termos visuais.

Alguns críticos mais ortodoxos o acusam de ser um compositor elitista, se comparado aos Waldick Soriano, embora fale em construções e Pedros pedreiros. Você acha que, com “Gota d'água” e sua linguagem direta haveria possibilidade de atingir este tipo de platéia — embora a temporada no Méier não tenha dado certo?

— Acho que isso independe da minha vontade e da minha própria vontade no momento em que estou criando. Faço o que faço, podem chamar de elitista, do que quiserem. Agora, se o teatro não é levado — como eu acho que deveria ser — pro grande público, é por problemas empresariais. Como na música. O preço de um LP é aquilo que se sabe. Eu seria muito cínico se pensasse que estivesse compondo pra operário de construções. A mesma coisa com a peça: não vai ser levada porque não há condições no Brasil de se mostrar teatro pro povo mesmo. O Méier já era um passo, mas não o ideal, claro. As próprias Kombis vendem ingressos no máximo pra baixa classe média. O operariado mesmo não tem nem Cr\$ 10,00 pra dar ao teatro. Ou seja, os personagens que estarão no palco do Teresa Raquel não estarão na platéia. De qualquer forma, acredito, em termos ideais, que *Gota d'água* poderia ser levado à esse público enfocado no espetáculo. Mas, em termos práticos, tão cedo isso não vai ser possível.

E o que representa, exatamente, o teatro para a sua carreira?

— Bom eu tô ligado a teatro desde o começo, quando musiquel *Morte e Vida Severina*, antes de *Banda*, antes mesmo de qualquer coisa. Depois, fiz música pro Teatro Oficina, escrevi *Roda Viva*. Há dez anos que venho compondo, sem nunca me separar do teatro. Mas, como autor, é agora que eu me sinto mais preparado e atraído por esse meio de comunicação. E meus planos incluem escrever para teatro, fazer música para teatro. Mas, por enquanto, não há nada definido. Primeiro quero ver a *Gota d'água* estrear. Há projetos vagos como encenar o *Pedro Mico* do Antônio Callado, outros planos com o Mário Prata, mas nada muito certo. Primeiro, quero descansar um pouco a cabeça pra saber o que eu quero fazer mesmo.



Paulinho da Viola

Revelações e afirmações do ano que passou



Nelson Motta

Como foi o ano de 1975 para a música, no Brasil?

Para o samba, por exemplo, foi um ano de violenta afirmação no mercado consumidor. É hoje, seguramente, o gênero musical de maiores índices de venda, embora o pessoal ligado ainda denuncie falta de promoção e publicidade. Com os LPs de Martinho da Vila e Clara Nunes liderando as paradas de sucessos, com a afirmação de um grande sucesso de vendas para João Nogueira, Jorginho do Império, Luis Ayrão, Beth Carvalho e Paulinho da Viola. Como produto comercial ou produto cultural, o samba teve em 1975, em plenos tempos de crise econômica, um de seus melhores desempenhos no mercado brasileiro de discos, sendo consumido com a fúria que o sucesso do samba-enredo já vinha prenunciando nos últimos anos. Inclui um samba-enredo, "A Estrela de Madureira" veio a afirmar, bem depois do carnaval, o sucesso popular do sambista Roberto Ribeiro, uma das boas revelações do ano. Como boa revelação do samba também aparece Leci Brandão, que lançou seu primeiro Lp.

DE GRANA

O grande sucesso comercial do ano, de alguma forma ligado ao samba, foi indiscutivelmente Benito di Paula. Eu, pessoalmente, acho chatíssimo, mas as paradas de sucessos e as rádios refletem a opinião e as necessidades de largas faixas da população, que devem ter lá suas razões para gostar tanto desse estranho personagem, que faz sempre um tipo de música com a mesma estrutura: primeira parte em tom menor e diminutas (lembrando seqüências bem conhecidas de Evaldo Gouveia) para no final abrir em um refrão de samba de fácil identificação melódica. E tudo feito sem originalidade e sem o pique dos grandes sambistas populares. Acredito que Benito di Paula tenha conseguido uma diluição de elementos da Bossa Nova, do bolero urbano e do samba popular que os festivais, Antônio Carlos e Jocaí e Wilson Simonal representaram em certo tempo. E como tal, representou sem dúvida o maior sucesso popular do ano, entre os artistas ainda não consagrados. Não se sabe quanto vai durar, nem sequer se pretende durar. Mas o homem teve,

dentro do mercado, um desempenho excepcional.

DE DANÇA

O rock brasileiro viveu talvez seu primeiro ano de efetiva participação no mercado, com o primeiro Lp de Rita Lee para a Som Livre ultrapassando a marca dos 50 mil LPs vendidos. Dirão os ingênuos: "puxa, mas ela teve uma promoção violenta... assim, qualquer um vende..." Pura bobagem: tem gente que vende e tem gente que não, embora possa fazer trabalhos até muito mais importantes. Rita foi a primeira afirmação do rock brasileiro como produto vendável porque está há dez anos batalhando na estrada, porque tem uma empresária inteligente e eficiente, tem um sistema de divulgação próprio que provavelmente nenhum artista tem no Brasil e sobretudo conseguiu produzir um exemplar disco de rock; dançante, forte, simples, direto e alegre: "Fruto Proibido", um disco histórico porque marca o primeiro grande sucesso popular de um artista representativo do rock brasileiro dos anos 70.

DE NOVO

Numa área onde o rock se confunde com todos os sons do Brasil e do mundo, ocorreu certamente a revelação mais importante do ano — Alceu Valença, que explodiu com seu som nordestino-indiano-ínglês-árabe-all over. Com uma originalidade extraordinária e uma presença cênica rara entre os quase sempre estáticos cantores brasileiros, geralmente pouco preocupados com o lado teatral que existe num cantor, quer ele queira ou não, a partir do momento em que pisa um palco e há pessoas na platéia para aquele número de mágica. Alceu revelou um lado poderoso de intérprete e uma excelente perspectiva de autor musical.

DO ANO

Ainda na terra de ninguém pintou o que foi, na opinião desta coluna, o disco mais importante do ano. E num ano em que surgiram os exemplares e admiráveis "Qualquer Coisa"/"Jôia" (de Caetano Veloso), "Minas" (de Milton Nascimento), "Refazenda" (de Gilberto Gil) e "Solta o Pavão" (de Jorge Ben) foi justamente aparecer, brilhante e caótico, o "Novo Aeon" de Raul

Seixas — o disco mais louco e instigante do ano, um disco cheio de idéias (numa época em que poucos têm alguma coisa a dizer e pouquíssimos ousam) e, sobretudo, um disco popular; com o demônio de Raulzito povoando com sua fúria inconsciente o lado racional e atento de Raul Seixas para tudo explodir num delírio de pensamentos, filosofias, subfilosofias, sacadas geniais, bobagens inconseqüentes, bom humor ensolarado, humor crítico perfurocortante, loucura e dança.

DE NAVEGAR

1975 foi para os grandes criadores como Jorge Ben, Gilberto Gil, Paulinho da Viola, Caetano Veloso, Chico Buarque, Milton Nascimento e alguns poucos, um ano de confirmação e aprofundamento de caminhos já traçados e em parte trilhados. Realizaram seus discos com perfeição formal nunca vista em suas carreiras e puderam — como nunca — mostrar a profundidade e o talento da música que produzem e que os faz serem chamados de "grandes criadores".

O que eles produziram é tão bom e tão bonito quanto o samba de Paulinho e Elton Medeiros que diz "sem preconceito, sem mania de passado/ sem querer ficar do lado de quem não quer navegar/ faça como o velho marinheiro/ que durante o nevoeiro leva o barco devagar."

E foi em pleno nevoeiro que explodiu este ano a música de João Bosco, que não pode ser desligada do nome e da cabeça de Aldyr Blanc. Eles foram talvez a dupla de compositores mais fértil e constante do ano, com trabalhos inevitavelmente talentosos e conseqüentes. João conseguiu ser um dos artistas novos mais executados nas rádios e parece ter furado definitivamente as difíceis barreiras de divulgação. Seu trabalho é intensamente popular mas contém sempre uma visão crítica de seus personagens e situações. Foi uma das mais poderosas revelações do ano e construiu uma sólida base profissional.

O mais, foi quase tudo fatuamente em cima da tal "onda da nostalgia", que tirou das prateleiras tudo que é velho, só porque é velho, mas como diz Raulzito, "eu sei que além da curva do futuro ainda existe alguma coisa mais vibrante e menos triste".



Gilberto Gil



Caetano, Milton, Chico